

SÉCULO XVIII: O ILUMINISMO LEXICOGRÁFICO

Roberto Arruda de Oliveira (UFC)
rarrudaufc@gmail.com

RESUMO

Ainda que alguns vocabulários tenham aparecido no século XVI e XVII, a contribuição setecentista é indubitavelmente a base da lexicografia portuguesa. Rafael Bluteau nos propõe, de fato, um novo conceito de lexicografia, bem mais abrangente que seus antecessores quinhentistas. Os modelos seiscentistas da lexicografia europeia inspiraram-lhe o resgate de termos portugueses em uso, muitos dos quais teriam caído no olvido. Sob o influxo do Século das Luzes os reformistas suscitam um novo interesse pela linguagem, pelas definições ortográficas. É nesse cenário que Antônio de Moraes e Silva retoma e compacta o Rafael Bluteau, acrescentando-lhe termos e apresentando uma nova enunciação lexicográfica. Essa atmosfera incentivou Viterbo ao resgate de palavras esquecidas em manuscritos, o que lhe valeu a publicação de seu *Elucidário*. Valorizam-se os arcaísmos, “vozes antiquadas”, segundo Rafael Bluteau, como também se defende a naturalização dos estrangeirismos, ou “vozes novas”, como designa Cândido Lusitano. Bem significativa também foi a contribuição literária, sejam os termos científicos de Matias Aires [Ramos da Silva de Eça], sejam os bucólicos, sejam os de cunho nacional que se somam aos existentes.

Palavras-chaves: Bluteau. Moraes e Silva. Viterbo.

1. *Considerações iniciais*

Por volta do século XIV a língua portuguesa terminou por suplantar o galego-português, o qual pouco antes, ainda aparecia na poesia lírico literária. Com a independência portuguesa, a nova nacionalidade permitiu o aparecimento de uma língua de livre trânsito, a qual se aprimoraria por meio das traduções do latim efetuadas em mosteiros. Aprendia-se a ler e a escrever em latim, continuando a língua portuguesa, ainda que língua oficial, a ser aprendida somente na comunicação do dia a dia. A verdadeira revolução no vernáculo adviria somente no século XVI, o que lhe permite enriquecer lexicalmente, definir suas estruturas oracionais, rivalizar com o espanhol. Surgem as primeiras gramáticas, os primeiros manuais ortográficos e alguns vocabulários português-latino e vice-versa.

As grandes obras lexicográficas dos quais Portugal carecia, viriam a lume somente no século seguinte.

2. Bluteau: o vocabulário enciclopédico

Principia este século sob o reinado de D. João V o qual soube estabelecer as bases de transição entre um Portugal, caracterizado pelo conservadorismo e tradição, para uma nova mentalidade iluminista insurgente na Europa de então. Da nobreza que patrocinava esta nova visão destaca-se o nome de D. Francisco Xavier de Meneses, quarto Conde de Eriçeira, em cujo palácio congregavam em 1696 as “Conferências discretas e eruditas”. Dentre os vários partícipes sobressaiu-se um frade teatino de origem francesa, Padre Rafael Bluteau, cuja formação filosófica, científica e literária permitia-lhe ser conselheiro do Conde. Nascido em Londres e tendo chegado em 1668 em Portugal, legou-nos uma obra monumental para a lexicografia portuguesa, o *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712/28).

Constituído em 10 volumes, propunha-se resgatar toda sorte de palavras, as antigas, as desusadas, as de baixo coturno, como as greco-latinas e até as peregrinas, um novo conceito, portanto, mais abrangente de lexicografia:

...em bons dicionários de línguas, ou (como já lhes chamei) verbais, se acham todas as disciplinas com os termos, de que usam, alfabeticamente explanadas; aparecem descrições das plantas, dos animais, dos insetos, dos minerais, dos metais, das pedras brutas, e finas, das drogas naturais, e artificiais, nestes mesmos teatros da locução, e da erudição fazem seu papel a teologia moral, a escolástica¹⁴⁴... (BLUTEAU, 1728, p. 536)

Garante-nos que o verdadeiro enunciado lexicográfico contempla as variações linguísticas em todas suas dimensões:

Até das palavras mais vulgares muitas vezes trago exemplos, para que conste do sentido, em que foram usadas; e não é supérflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros, e chulos, muitas vezes se levantam controvérsias, que só com o exemplo de um autor se decidem. (Id., 1712a, in ‘Catálogo dos autores portugueses’, p. 2)

Rafael Bluteau se valeu dos principais autores portugueses do século XVI e XVII, resgatando os termos advindos a nossa língua das via-

¹⁴⁴ Atualizou-se a ortografia de Rafael Bluteau como dos demais autores setecentistas.

gens ultramarinas, do contato com outras culturas, e até de termos aos quais não encontrou abonação em textos, pois que foram coletados junto aos falantes:

Assim tivera eu achado autores portugueses em todas as artes liberais, e mecânicas, para alegar¹⁴⁵ com eles? Por falta deste subsídio, corri as mais humildes oficinas da república; passei tardes inteiras em *atafonas*¹⁴⁶, entre *moegas*¹⁴⁷, e *almanjarras*¹⁴⁸, enfarinhado na arte de moer, esperdiçador de decoros, e aproveitador de farelos; entrei em forjas de ferreiros, e fundidores, examinei *bramadeiras*¹⁴⁹, e *foganhas*¹⁵⁰, tomei postila¹⁵¹ de fundição entre *cadinhos*¹⁵², e *alcravizes*¹⁵³; meti-me em lagares de vinho, pus-me de *gorra*¹⁵⁴ ao pé das uvas,

¹⁴⁵ “Trazer autoridades de escritores. Alegar com um autor. *Authorem laudare*”. (BLUTEAU, 1712a, p. 263)

¹⁴⁶ “Moinho em seco, que uma besta faz andar. Deriva-se do arábico *tahane*, que significa *moer*, ou do hebraico *tahona*, que vale o mesmo, que *mò*. Consta este engenho de uma trave atravessada, em que está pregada uma porca, que tem um *ferrão*, com uma viga, que anda à roda, a que chamam *pião*...” (*Idem, Ibidem*, p. 624)

¹⁴⁷ “Vaso de pau, a modo de pirâmide aberta, e às avessas, por onde o trigo que se há de moer, cai na calha. *Tritici infundibulum. Columef*”. (*Idem*, 1716, p. 536)

¹⁴⁸ “O pau torto da atafona, ou da nora, porque puxa a besta. Tem um pau, para apertar, a que chamam *arrojadura*; e na outra extremidade outro pau, a que chamam *Torno*...” (*Idem*, 1712a, p. 268)

¹⁴⁹ Não há registro deste termo, nem no Dicionário de Rafael Bluteau nem em qualquer outro léxico: encontra-se ainda “bramadeiro” que resguarda outro sentido. Seria mais um erro tipográfico? Seria “braçadeira”, o mesmo que “tenaz”, utensílio do ferreiro? Neste verbete Rafael Bluteau não diz ser instrumento da forja.

¹⁵⁰ Não há este verbete no Dicionário de Rafael Bluteau, nem registro nos léxicos subsequentes (Morais, Domingos Vieira, Viterbo, Pedro Machado). Encontramos o termo, contudo, somente num documento anônimo de 1813 (*A Fabrica de louça do rato*, in ‘O Archeologo Português’, vol. IV, 1898, p. 168): “Explica o informante as diversas figuras e construção dos fornos que hoje em dia se conhecem: - quadrados, quadrilongos, ovais e redondos; de uma ou mais câmaras; com um ou mais *foganhas*, ou bocas de fogo; e diz que, na Fabrica Real, as portas, as câmaras, as *foganhas*, os respiradouros etc., tudo é mau”.

¹⁵¹ “Nos etimológicos não acho outra origem desta, que o latino *positus*, a, um: porque antigamente *postilas* eram as notas, postas nas margens dos livros de Direito, ou outra ciência, as quais notas eram interpretações, e ilustrações do texto, e às vezes adições, ou aditamento do que lhe faltava [...] Tomar postila. *Dictata a professore excipere*”. (*Idem*, 1720a, p. 648)

¹⁵² “Instrumento de fundidor. É um vaso de barro, em que se derrete o metal, para vaziar, e calcinar ouro, prata, e outros metais. *Catinus, i*.” (*Idem*, 1712b, p. 33)

¹⁵³ Erro tipográfico. Corrija-se *alcaraviz*, o qual define como (termo de forja): “É um ferro redondo, vão por dentro, por onde entra o vento dentro da forja”. (*Idem*, 1712a, p. 222). Numa tentativa de impimir seu *Vocabulário* em Paris, Rafael Bluteau entrega como ensaio ao diretor da real impressão do Louvre alguns de seus sermões, os quais “da oficina do impressor saíam as provas com tão grande número de erratas, que não cabiam nas margens as emendas”. (*Ibidem*, in ‘Prologo do autor

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e em lagares de azeite andei à roda no meio de *varandas*¹⁵⁵, e *entrosas*¹⁵⁶; cheguei-me a *Frades*¹⁵⁷, que nem são religiosos, nem apóstatas, e fui obrigado a carregar a memória de *balurdos*¹⁵⁸ e *capachos*¹⁵⁹. (*Ibidem*, in 'Prologo do autor a todo o gênero de leitores', fl. 27)

Foram quarenta anos de sua vida consumidos na composição desta obra enciclopédica que supera de longe os primeiros léxicos¹⁶⁰, os quais não registravam, garante-nos num de seus prólogos¹⁶¹, toda riqueza do vernáculo¹⁶². Não havia ainda em Portugal, de fato, um vocabulário que pudesse rivalizar com as grandes produções europeias do século XVII, tais como o *Tesouro de la Lengua Castellana o Española*, de Cobarruvias (1611); o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612); o *Le Grand Dictionnaire Historique, ou le Mélange Curieux de l'Histoire Sacrée et Profaine*, de Luís Moreri (1671); o *Dictionnaire Universel*, de Furetière (1690); e o *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694), os quais lhe serviram de apoio.

a todo o gênero de leitores', fl. 41)

¹⁵⁴ "Meter-se de gorra com alguém. Ir-se introduzindo destramente na amizade de alguém. *Ad amicitiam alicujus adrepere*". (*Idem*, 1713b, p. 97)

¹⁵⁵ "Varanda em lagar de azeite é uma roda com dentes, que está sobre o moinho da azeitona, a qual faz andar outra roda com outros dentes iguais, que se metem nos da varanda, e a esta roda chamam *entrosa*". (*Idem*, 1721, p. 363)

¹⁵⁶ "Em lagar de azeite, é uma roda com dentes, que faz andar outra roda a que chamam varanda". (*idem*, 1713a, p. 158)

¹⁵⁷ Pareceu-nos aqui dizer: "Encontrei pessoas que não são religiosas nem apóstatas...". Seria aqui uma indicação de um vilarejo no Alentejo?

¹⁵⁸ "Em lagar de azeite, é o ferro, que se mete no peso, ou pedra, e tem um buraco no meio, onde se mete a chave para levantar o peso". (*Idem*, 1712b, p. 27)

¹⁵⁹ "Ceirão felpudo que se põem debaixo dos pés, para os ter quentes. *Sparteum Suppedaneum prohibendo a pedibus frigori*". (*Idem, ibidem*, p. 118)

¹⁶⁰ Jerônimo Cardoso publica em 1570 o *Dictionarium latino-lusitanicum et vice-versa lusitanico-latinum*, Agostinho Barbosa em 1611 o *Dictionarium lusitanico-latinum* e o jesuíta Bento Pereira publica o *Tesouro da Lingoa Portuguesa* em 1647.

¹⁶¹ Prólogo ao leitor benévolo, ao leitor malévolo, ao leitor impaciente, ao leitor português, ao leitor estrangeiro, ao leitor douto, ao leitor indouto, ao leitor pseudocrítico, ao leitor impertinente, ao leitor mofino.

¹⁶² "Pelas notícias, que tenho, acho que este vocabulário, ainda que não fora, nem latino, nem geográfico, ainda seria mais copioso, que os até agora se tem impresso em língua vulgar estranha". (*Idem*, 1712a, in 'Prologo do autor a todo o gênero de leitores', fl. 5)

3. Os reformistas: o Século das Luzes

Caracterizou-se a segunda metade do século XVIII pela busca do reformismo cujo principal representante foi Luís Antônio Verney. Curvou teologia em Évora, tendo depois se fixado em Roma, onde escrevera, sob o pseudônimo de padre Barbadinho, o *Verdadeiro Método de Estudar*. Admirador de Voltaire, valeu-se em seu prefácio de seu espírito mordaz, para criticar acerbamente os costumes:

Aí mesmo em Portugal, quem há que não seja obrigado, à Companhia; e não experimente os influxos, dessa benigna religião? Quem já mais chegou, a uma das casas dessa religião para buscar...um pregador, para qualquer festividade; que não fosse obedecido, ainda sem interesse? (...) se olho para as prisões, vejo os religiosos da Companhia consolando os aflitos, procurando os livramentos, confessando e confortando a todos. Se olhos para as praças, e ruas públicas, vejo os mesmos religiosos, doutrinando os ignorantes, excitando a emulação nos meninos... (VERNEY, Tomo I, 1746, in “Aos reverendíssimos Padres Mestres”, fl. 3)

Outro expoente deste movimento foi o marquês de Pombal, o qual acreditava que toda mudança deveria ter como premissa a modernização do ensino, seus métodos, objetivos e finalidades. O território parecia favorável, pois que se quebrara o monopólio pedagógico dado à Companhia de Jesus a ser substituído pelas novas diretrizes de Luís Antônio Verney. A conselho de Ribeiro Sanches, o Marquês cria o Colégio dos Nobres cujo programa inovador primava pelo ensino do latim e das línguas modernas. Em meio a este clima eufórico de renovação cria-se em 1779 a Academia Real das Ciências, a qual, de inspiração científica, propunha-se subsidiar as Universidades e a administração pública, o que forçou a importação de professores para o ensino da física e da matemática, do que Portugal carecia. Organiza-se a mais importante biblioteca de Portugal e publica-se, por orientação de Alexandre Herculano, o *Portugaliae Monumenta Historica*. Opondo-se à resistência escolástica¹⁶³ dos jesuítas, passa-se assim a um ensino racionalista, cartesiano¹⁶⁴, inspirado no “Século das Luzes”, o que contribuiu para o aparecimento em Portugal de um observatório astronômico, de um museu de história natural, de um gabinete de física e um laboratório de química.

¹⁶³ Ensino filosófico medieval que tenta conciliar a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega.

¹⁶⁴ O racionalismo cartesiano é um pensamento estabelecido por Descartes (séc. XVII), cujo ponto de partida é a busca de uma verdade primeira que não possa ser posta em dúvida.

Seguindo o exemplo de Port-Royal¹⁶⁵, priorizou-se o ensino do português no Colégio dos Nobres. Dá-se início a um crescente interesse pelas questões da linguagem, mormente à lexicografia, o que possibilitou diversas publicações. Cria-se um vínculo indissociável língua e literatura, mais especificamente poesia, a qual não deveria apenas deleitar, mas ter um fim prático. Destarte, o poeta, imitando os clássicos, primaria pelo equilíbrio da expressão, suprimindo os plebeísmos, cultismos e conceptismos¹⁶⁶. Além do gramatical, valorizou-se o problema ortográfico, sempre movido pela polêmica entre tradição e realidade fonética, quando não pela insegurança e capricho dos copistas e dos escritores, que antecederam à imprensa: “da falta desta doutrina nasce, que em toda sua vida, escrevam mal: e, ainda depois de estarem em lugares de letras, é lástima ver, como muitos escrevem”. (VERNEY, t. I, 1746, p. 14)

Ainda que os primeiros gramáticos tenham feito referência ao assunto¹⁶⁷, o primeiro manual ortográfico foi o de Duarte Nunes do Leão, *Orthographia da Língua Portuguesa* (1576), o qual “apresenta uma feição notavelmente moderna e não difere substancialmente da que foi utilizada até as reformas ortográficas¹⁶⁸ do nosso século” (BUESCU, 1978, p. 39). Nunes defende uma grafia mais erudita, tendo como base o étimo latino, ideia a que se oporá mais tarde Luís Antônio Verney quando afirma deverem os portugueses “pronunciar, como que pronunciam os homens de melhor doutrina, da província de Estremadura: e, posto isto, devem escrever a sua língua, da mesma sorte que a pronunciam”. (VERNEY, t. I, 1746)

¹⁶⁵ A *Grammaire de Port-Royal* propunha um estudo racional e filosófico da linguagem.

¹⁶⁶ São recursos retóricos, conceitos que seguem um raciocínio lógico, com o intuito de convencer ou ensinar: “Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três cousas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelhos e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo há mister luz, há mister espelho e há mister olhos (*Sermão da seragésima*, III, *op. cit.*, parte I, 1679, p. 18).

¹⁶⁷ Além de Fernão de Oliveira, João de Barros e Gândavo no século XVI, foi ampla a discussão sobre o tema no século XVIII: *Ortografias*, de Luís Caetano de Lima (1736), a de João Madureira Feijó (1739), a de Luís do Monte Carmelo (1767), e a de Antônio José dos Reis Lobato (1770); *Regras da língua portuguesa*, de Jerônimo Contador de Argote (1721) e *Reflexões sobre a língua portuguesa* de Francisco José Freire (o manuscrito de 1768 só foi publicado em 1842).

¹⁶⁸ Nossa primeira reforma foi a de 1911 (em Portugal), seguida pelo “formulário ortográfico” de 1943 (Brasil), “acordo ortográfico” de 1945 (Portugal), reforma ortográfica de 1971 (Brasil), o acordo ortográfico de 1990 (países de língua portuguesa), cujo período de adaptação se estendeu até 2015.

Ainda que tenha escrito no século XVIII, algumas de suas convicções foram postas em prática bem depois: uso das letras “k”, “w” e “y” em casos especiais; restrição do uso do “h”; eliminação “s” no grupo “sc”; supressão de consoantes mudas (Magdalena, *officina*, *optimo*, *sabbado* etc.); registro da diferença entre “i” e “j” assim como entre “u” e “v”, e outras.

4. *Antônio de Morais e Silva: compactando o Rafael Bluteau*

Ao mesmo tempo que as discussões ortográficas vão a lume, um outro trabalho lexicográfico, seguindo os parâmetros do Rafael Bluteau, registra e abona o léxico conhecido até então, o *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais e Silva, ou simplesmente, por antonomásia, o Morais.

Publicado em 1789, já deixa patente na página de rosto ter sido “composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, e acrescentado por Antônio de Morais Silva”. É inegável que Antônio de Morais e Silva tenha recompilado a obra do monge teatino, uma lacuna, segundo Luís Antônio Verney, que deveria ser preenchida: “seria necessário, que algum homem douto, abreviasse o dicionário do Padre Rafael Bluteau, e reduzisse à grandeza, de um tomo em folha, ou dois em 4” (*idem, ibidem*, p. 55). Antônio de Morais e Silva acrescentou, contudo, vinte e dois mil verbetes, reduzindo e revisando os verbetes incorporados¹⁶⁹, dos quais regulariza a ortografia. Objetivando uma nova técnica lexicográfica, introduz uma terminologia gramatical representada por abreviaturas.

Temos assim, por exemplo, no *Dicionário* de Rafael Bluteau (1712a, p. 61-62):

Acanhar. Não deixar medrar. Ser causa, que uma cousa não cresça. A sombra acanha as plantas. *Umbra non patitur plantas succrescere. Ex Columel.* Fazendo-lhe sombra a acanha, e faz, que não cresça. Costa, *Georgic.* de Virg. 68. Vers. Fala em certa árvore.

Acanhar, em sentido moral. *Abater*. Acanhar a autoridade. *Auctoritatem minuere*, ou *deprimere*. Dando-lhe os convidados tão estreito lugar, que *aca-*

¹⁶⁹ ...achei muitas vezes em falta de vocábulos, e frases; e mui frequentemente sobejo em dissertações despropositadas, e estranhas do assunto, que fazem avolumar tanto a sua obra. [...] Do que recolhi das minhas leituras fui suprimindo as faltas, e diminuições que nele achava; e quem tiver lido o Bluteau, e conferir com o seu este meu trabalho, achará que não foi pouco o que ajuntei. (SILVA, t. I, 1789, vii-viii)

nhava sua autoridade. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 4, p. 85.

Acanhar. Desanimar. Intimidar. *Alicujus animam frangere, e demittere. Cic. 7, Tamil*¹⁷⁰. 9. *Alicujus animos minuere, infirmare, infringere. Tit. Liv. Alicujus animos, vel virtutem debilitare. Cic. Para Acanhar, e rebotar os espíritos aos portugueses. Lemos, Cercos de Malaca, 48.*

Acanhar, Desprezar. Abater com palavras. *Aliquid externuare verbis. Dicendo levare, elevare, minuere, imminuere.*

Acanhar-se. Abater-se. Intimidar-se. *Animum contrahere, ou demittere. Se abjicere, dejicere. Animi magnitudinem inflectere.*

No *Dicionário* de Antônio de Moraes e Silva (t. I, 1789, p.12-13) lemos assim o mesmo verbete:

ACANHAR, v. at. não deixar crescer; não dar a proporcionada, grandeza, e altura. §f. Abater, v. g. *a autoridade, os espíritos: a pobreza acanha. Eufr. I.3, f. 32, e 2.5. § Diminuir, por exemplo, o esforço. Palm. 3, f. 128. v. § Deprimir desgabando, Castanh. I.3. prol. § Acanhar alguém, apoucá-lo, tratá-lo de menor. Eufr. 5.1. § ... se. Encolher-se, ceder, humilhar-se, perder o ânimo. Eufr. 5.4 Acanhar-se à fortuna, ou desgraça.*

Na 2^a (1813) e 3^a (1823) edições não há mais a referência a Rafael Bluteau, ainda que a condição de “recopilador” tenha sido mantida: *Diccionario da Lingua Portuguesa* recopilado por Antonio de Moraes Silva. Somente na 4^a (1831), por orientação do editor (passavam-se sete anos do falecimento do autor), é que a autoria completa da obra lhe é garantida: *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto por Antonio de Moraes Silva. Ainda que se leia na página de rosto, até a décima e última edição, palavras como “melhorada”, “acrescentada”, “enriquecida”, somente as duas primeiras edições foram elaboradas pelo autor: da terceira em diante vê-se um cortejo de outros lexicógrafos. Ainda assim, Paiva Boléo, como muitos, julgam ser a quarta a melhor edição:

É opinião corrente que a melhor edição do “Dicionário de Moraes” é a quarta. Agostinho de Campos, por ex., escreveu em “O Comércio do Porto” de 14-4-1940 o seguinte: “A 2^a edição do chamado ‘Dicionário de Moraes’ é de 1813 e nessa se encontra o verdadeiro e valioso trabalho do lexicógrafo¹⁷¹. A 3^a edição, de 1823 e a 4^a, de 1831, já póstuma, consideram-se ainda como de toda a confiança, pois, como disse João Ribeiro ‘representam ainda a continuidade dos trabalhos que deixou inéditos’. As seguintes já não são tão estimadas pelo que respeita à vernaculidade. A edição que possuímos é a quarta

¹⁷⁰ Famil. ?

¹⁷¹ Assim pensava o lexicógrafo Laudelino Freire o que o fez em 1922 publicar um fac-símile desta edição.

(1831) e a essa nos referimos sempre que citamos o ilustre lexicógrafo". (BOLEÓ, 1946, p. 49, n. 16).

O inegável sucesso da obra suscitou no século XVIII um crescente florescimento da lexicografia portuguesa, da qual destacamos o *Dicionário da Real Academia*¹⁷² (1793) e o *Elucidário de Viterbo* (1798-99), obras, por sinal, citadas por Antônio de Moraes e Silva como fontes no prólogo "ao leitor benévolo" da segunda edição:

Segunda vez te ofereço o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, e porque não vá sem alguma conchecença do indulgente acolhimento, que da primeira vez lhe fizeste, trabalhei quanto me foi possível por alimpá-lo dos erros, com que saiu naquela edição, e por ampliá-lo em artigos, e novos entendimentos dos vocábulos, e frases.

Para isto me aproveitei do riquíssimo *Diccionario Portuguez da Real Academia das Sciencias de Lisboa*, do *Elucidario de palavras e frases antigas* do Sr. Fr. Joaquim de S. Rosa de Viterbo, em cuja verdade, e exatidão se afirmam os vocábulos tirados de documentos inéditos, aos quais ajuntei as explicações do autor, e também as minhas, porque como ele ingenuamente reconhece, a cada um é licito abundar modestamente em seu sentido. (SILVA, 1813, p. VII)

5. *O Elucidário de Viterbo: exumando palavras*

A atmosfera setecentista propiciadora da defesa e do enriquecimento do idioma pátrio promove a pesquisa lexicográfica que concebeu estes dois últimos dicionários, dos quais o primeiro ficou apenas na letra "a" ao passo que o segundo, Rosa Viterbo, legou-nos um trabalho bem mais completo.

¹⁷² Concluiu-se somente o primeiro volume, correspondente à letra A. Recentemente (1976) houve uma segunda tentativa de levar este projeto adiante, mas não logrou sucesso por falta de financiamento e apoio, permanecendo ainda no volume I. Uma terceira então, apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Ministério de Educação de Portugal, teve início em 1988. Treze anos foram necessários para elaborar os dois volumes de quatro mil páginas e setenta mil entradas lexicais do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências*. A grande novidade, contudo, é a preocupação de normalizar setecentos e cinquenta estrangeirismos em uso. A proposta consiste em aporuguesar ou semi-aporuguesar a ortografia, ou ainda se fazer uma tradução por decalque semântico: "atelier", p. ex., substitui-se por "ateliê", para "briefing" por "brifingue", "stress" por "stresse", "lobby" por "lôbi". Quanto à tradução por decalque semântico, em vez de "e-mail" temos "correio eletrônico", "score", "resultado", "know-how", "saber fazer". Alguns, porém, mantêm sua forma original como *design*, *toilette*, *software*. O trabalho foi coordenado pelo prof. Malaca Casteleiro, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia (ILL) da Academia das Ciências, a qual, diz-nos ele, propõe-se "defender e promover a língua portuguesa".

Procurando cópias de manuscritos antigos¹⁷³ em arquivos públicos e até mesmo na Torre do Tombo, investigando monumentos romanos, góticos e mouriscos, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo deu início ao seu *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*, um valioso dicionário do português arcaico, cujo fim é o de nos facilitar a leitura dos textos antigos documentais, um pretenso *Glossarium* de Du Cange¹⁷⁴. Publicada 1798, recebeu algumas críticas devido às digressões de seus comentários¹⁷⁵, o que lhe levou a refundir e abreviar o *Elucidário*, numa nova edição que a morte inesperada lhe impediu de publicar: pouco mais tarde, em 1825, seria publicado pela Universidade de Coimbra com o título *Dicionário portátil das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram: resumido, correcto e adicionado pelo mesmo autor do Elucidário, a beneficio da literatura portuguesa*. Em 1865¹⁷⁶ viria uma segunda edição *revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos*¹⁷⁷, *observações e notas criticas, com um índice remissi-*

¹⁷³ Mário Fiúza, confrontando os dois textos (cf. "Subsídios para a história do Elucidário", in VITERBO, T. I, *op. cit.*, p. 55), admite ter Viterbo transcrito "para o *Elucidário* quase todos os vocábulos pertencentes ao glossário da autoria de D. Bernardo da Encarnação, acrescentando-lhes algumas vezes mais esclarecimentos; outras, copiando-os textualmente ou substituindo ainda uma ou outra palavra por um sinônimo".

¹⁷⁴ Confrontando Mário Fiúza os primeiros quatro parágrafos do *Elucidário* com o *Glossarium* de Du Cange (cf. "Subsídios...", *op. cit.*, p. 57), reconhece "que, algumas vezes, Viterbo quase que se limitou a traduzir o texto latino do seu mestre e inspirador".

¹⁷⁵ João Pedro Ribeiro acusou-o de ter se aproveitado "dos trabalhos, posto que informes, que deixara preparados o laborioso cônego regular D. Bernardo da Incarnação, os quais lhe foram franqueados no mosteiro da Serra do Porto. Sobre estas bases, com a colheita que fez em alguns cartórios, e outros subsídios que obteve da liberalidade de alguns amigos, organizou o seu *Elucidário*". Prossegue ainda nosso filólogo apontando-lhe os "defeitos de execução que nele se encontram" e "pelo que respeita à significação de muitos vocábulos, sua ortografia etc., o plano da obra é vicioso, porque exorbita do seu assunto". Julgando a obra excessiva, considera que ficaria reduzida "à terça parte, se omitisse, em muitos artigos, longas discussões em objetos de política, economia e moral, sustentando, aliás, opiniões nem sempre exatas" (MAGNE, *Glos.*, 1944, p. 451-452).

¹⁷⁶ Há, contudo, um erro tipográfico no ano da folha de rosto: lemos "MCCCLXV" em vez de "MDCCLXV".

¹⁷⁷ Dá-se o mérito ao seu editor, Inocêncio Francisco da Silva, por lhe ter acrescentado as observações de João Pedro Ribeiro, os vocábulos constantes dos glossários dos *Inéditos de Alcoçaba* de Fr. Fortunato de S. Boaventura (tomos I e III), das *Obras* de Gil Vicente (ed. de Hamburgo, 1834), da

vo, criticada por Leite de Vasconcelos e Augusto Magne:

O autor do *Elucidário*, ao coordená-lo, não pensou somente em arquivar palavras antigas, senão também em apresentar notícias respeitantes à história das instituições sociais, à da geografia etc. Por consequência a obra é preciosíssimo instrumento de trabalho, sob vários aspectos, tanto mais que grande número de documentos lá aproveitados se perderam depois.

Sem embargo, existem nela, tal como veio a lume, muitas cousas dignas de reparo (que podem guiar por falso caminho pessoas incautas), por exemplo, letras trocadas, falta de til, palavras que nunca existiram: o que tudo resultou de imperfeita leitura de manuscritos, ou de erros tipográficos. Outras advertências se podem ainda fazer aqui e além. (VASCONCELOS, J. Leite de. 1927, p.111)

Apenas recentemente viria a lume a 3ª edição, sob o encargo de Mário Fiúza, o qual – por conta de imperativos editoriais, não pôde distribuí-la (era sua intenção) em vários volumes. Para elaborar os dois volumes, dos quais ao primeiro restringiu a letra A, nosso editor recorreu aos manuscritos de Viterbo conservados na Biblioteca Municipal de Viseu, e também a um outro intitulado *Novas adições e retoques ao Elucidário das palavras*, “em que Viterbo reuniu numerosas correções e aditamentos para uma nova edição do *Elucidário* que não chegou a publicar” (FIÚZA, “Advertência...”, in VITERBO, *op. cit.*, p. 8). Contém assim esta edição crítica, além da 1ª edição (única que o autor presenciou), adições e correções inéditas. Cotejou-se, do mesmo modo, com os manuscritos do autor, os vocábulos pertencentes ao *Glossário* de S. Bernardo da Encarnação, “transcritos nem sempre fielmente” (*ibidem*). Confrontou-se, além disso, os originais do *Elucidário* com a 1ª edição, corrigindo até mesmo os erros tipográficos que escaparam à revisão do autor. Conferiram-se os aditamentos de Inocêncio (2ª edição), coligidos dos *Inéditos de Alcobaça*, das *Obras* de Gil Vicente, da *Crônica da Conquista de Guiné*. Por fim, consideram-se as adições e correções de João Pedro Ribeiro, José Leite de Vasconcelos e Epifânio Dias.

6. *Arcaísmos e neologismos: repensando a língua*

A questão dos arcaísmos já se fazia presente em Rafael Bluteau, quando em suas *Prosas portuguesas* discorria “sobre a necessidade de serem conhecidas as palavras antigas da língua e suas correspondentes

Crônica da conquista de Guiné, de Zurara (ed. de Paris, 1841), assim como todos os vocábulos do *Dicionário portátil*, ausentes na 1ª edição do *Elucidário* (cf. FIÚZA, in VITERBO, *op. cit.*, p. 7-8).

modernas” (GONÇALVES, 2002, p. 16), como também, defendia as vantagens de se conservar palavras em uso¹⁷⁸ e a naturalização de outras estrangeiras¹⁷⁹, máxime, as francesas: cuja presença, já polemizada na *Origem da língua portuguesa* (1606) de Duarte Nunes Leão, havia-se intensificado nos anos setecentos

Às palavras antigas ou antiquadas, como diz o monge teatino, deve-se reverência e divulgação¹⁸⁰, e, ainda que não sejam de uso dos autores modernos, estes arcaísmos devem ser valorizados, pois resguardam a memória linguística da língua, como um patrimônio tais quais as construções antigas:

Tem as palavras, como as famílias, a sua nobreza, e a sua antiguidade; mas com esta diferença, que de ordinário perdem as palavras com a sua antiguidade a sua nobreza, e passando de antigas a antiquadas, ficam expostas a injustos, e lastimosos desprezos.

(...)

Tem as palavras antiquadas acabado o seu requerimento, voluntariamente excluídas do uso, mas amplamente satisfeitas da veneração, e nisto semelhantes às pedras dos antigos edifícios romanos. (BLUTEAU, *Oratório...*, 1728, p. 4 e 7)

Quarenta anos depois de Rafael Bluteau, Francisco José Freire (mais conhecido por seu pseudônimo árcade, “Cândido Lusitano”), acrescentaria a essa lista, em suas *Reflexões sobre a língua portuguesa* (1768¹⁸¹), os arcaísmos que caíram em desuso desde o tempo de Vieira

¹⁷⁸ Com exceção das que o decoro, segundo dizia, não permitia. Em sua 3ª conferência discute a respeito do termo popular *cagalume*, para o qual se sugeriu *nouteluz*, *bicho luzente* e se rejeitou *pirilampo* (por ser, diziam, afetado), *vago lume* e *fuzilete*.

¹⁷⁹ Rafael Bluteau em suas Conferências defendia a naturalização dos galicismos *amnistia* (esquecimento) e o verbo *amnistiar*, *projecto* (desenho), *destacar*, *destacamento* (separar), *recruta* (os substitutos dos soldados mortos), *bloqueio*, *bloquear* (tomar postos distantes de uma praça), *anarquia* (Estado sem governo), *chaminé*.

¹⁸⁰ Enumera algumas: **baforadar** (atirar lanças para o alto, exercício a cavalo), **hoste*** (tropa), **bacinete*** (capacete de ferro), **cota*** (peça na armadura na qual está bordado o escudo real), **lidar*** (pelejar), **(h)az*** (do lat, acies: ala do exército), **trom*** (máquina bélica antiga de atirar pedra), **talante*** (vontade), **trigança*** (pressa), **condessilho** (depósito), **abilhamento*** (atavio, enfeite: para Moraes, do francês *habillement*), **a refece*** (a baixo preço), **gouvir** (alegrar-se interiormente), **alfageme*** (espadeiro, oficial que consertava as guarnições das espadas). Moraes (2ª edição) indica como “antiquada” as que estão em negrito; as que marquei com asterisco se encontram ainda no Houaiss com o mesmo sentido acima.

¹⁸¹ Apesar de ter sido escrito em 1768, a primeira edição só saiu em 1842.

até o seu¹⁸². Certamente encontramos em Freire termos que não eram ainda arcaicos quando Rafael Bluteau inicia a publicação do *Vocabulário*, “vozes antiquadas”¹⁸³, como denominava, que “desde Barros até Vieira floresceram” (FREIRE, 1842, parte I, p. 22). Antônio de Moraes e Silva, contudo, reabilita-as, pois que muitos escritores (do final de século XVII e meados do século XVIII), desconhecidos e não verdadeiramente clássicos como Frei Luís de Sousa e Vieira, haviam-nas desterrados por considerá-las “velhas ou plebeias”, por mera imposição da “tirania da moda”:

Quando o autor (Freire) escreveu ainda reinava o demasiado escrúpulo dos que entendiam que certos vocábulos não se admitiam em discursos graves, ou em versos sobre sérios assuntos. O seiscentismo foi o precursor da decadência da pura linguagem portuguesa: os homens que então metrificavam (e havia uma praga deles, nenhum dos quais passará à posteridade) limitaram-se ao uso de um certo número de palavras que empregavam por conta e medida, apoucaram as formosuras do idioma, cercearam-lhe as galas, diminuíram-lhe o cabedal, com que Fr. Luiz de Sousa, Barros e Vieira, e outros que verdadeiramente podemos chamar clássicos, ostentaram riquezas, que hoje vão desenterrando, e descobrindo novamente polidas, os poucos que se esmeram em falar o português livre tanto de arcaísmos como de inovações desnecessárias, abundante em termos genuínos e expressões facundas e próprias. Nessa época de calamidade para a língua e também para o progresso individual e também para o progresso intelectual, as metáforas violentas supriam ideias, e meia dúzia de palavras sonoras à copia da dicção. [...]

Pelo que respeita a vozes antiquadas algumas há que o uso dos modernos escritores tem acreditado, e a propriedade delas lhe deu cabimento. O bom juízo do nosso autor luta com os preconceitos de seu tempo, que tinham desterrados muitos termos expressivos, de cuja supressão se lastima. Veja-se o que diz de – *queixume*, *esquivar*, *dissidente*, *feitura*¹⁸⁴, *grei*¹⁸⁵, *sobreceño*¹⁸⁶ e outros vocábulos tão necessários para variar a frase, e que a moda então reputava antiquados: não duvidamos hoje empregá-los, e assim outros muitos, em que atualmente ninguém faz reparo; por exemplo: – *derradeiro*, *delonga*, *does-*

¹⁸² Rafael Bluteau trata dos termos em desuso até o tempo de Vieira.

¹⁸³ Muitas registradas ainda por Antônio de Moraes e Silva e, por conseguinte, pelos pósteros são compreensíveis ao falante hodierno: *delonga* (demora), *derradeiro* (último), *estugar* (apressar), *esgares* (gestos de escárnio feitos com a cabeça ou olhos), *tímoreiro* (o que dirige o leme do navio). Outras, contudo, desapareceram entre Antônio de Moraes e Silva e Houaiss: *miramento* (atenção), *referta* (contenda). Outras como *devaneio* (desvanecimento), *dicção* (palavra) tiveram seus sentidos alterados, outras foram substituídas: *genitura* (geração), *governalho* (leme).

¹⁸⁴ O fazer: *à feitura desta carta*, por exemplo, ao fazer dela. (cf. MORAIS)

¹⁸⁵ Rebanho, súbditos, vassalos (*idem*).

¹⁸⁶ Carranca que se faz carregando as sobranceiras, e cerrando-as (*idem*).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

*tar*¹⁸⁷, *atavio*¹⁸⁸, *embair*¹⁸⁹, *escudar*¹⁹⁰, *esmolar*¹⁹¹. No tempo do seiscentismo de que ainda em vida do autor havia ressaibo¹⁹², proscreveram-se palavras com a estulta distinção de termos prosaicos, ou métricos, e além disso chamaram velhas¹⁹³ ou plebeias a palavras, sem mais sentença do que a tirania da moda, que por então imperou no discurso escrito ou pronunciado, como hoje (e sempre) dita leis no vestuário e nos móveis. Palavra verdadeiramente *velha* temos nós que é a que foi substituída por uma ou mais palavra de maior eufonia, graça, e força de expressão, e por isso não convém ressuscitá-la, principalmente sendo tão obsoleta que hoje careça de tradução. (FREIRE, *op. cit.* parte II, p. 164-165)

Refere-se ainda a palavras de uso frequente, postas de lado pelos gramáticos do tempo, por falta de “exemplos seguros” (ou abono dos escritores de renome), muitas ainda em uso como *atestar* (testificar), *ator* (em vez de “representante”), *depredar* (saquear), *emprego* (ocupação). Gramáticos, segundo ele, que muitas vezes esquecem termos tão comuns aos clássicos como *demérito* (desmerecimento), *desídia* (preguiça). Evoca também palavras latinas aportuguesadas de pouco uso em meio aos clássicos como *absoluto*, *exumar* (desenterrar) *hodierno*, *ignaro*, *ignóbil*, *paupérrimo*, *prematureo*, *repercutir*. Combatendo os puristas na “quinta reflexão” defende a naturalização das “vozes novas” - desde que não haja um termo nacional -, pois que é “com esta liberdade que se enriquecem de vocábulos as línguas vivas” (*ibidem*, parte I, p. 62):

...porque é certo, que havendo por exprimir qualquer cousa nacional...não se deve adotar um novo...

Porém estes escrupulosos pecam muitas vezes por excesso, sentenciando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente literatura do

¹⁸⁷ Dizer doestos (palavras afrontosas) (*Idem*).

¹⁸⁸ Adorno, fig. *atavio de guerra*, e ainda *o atavio da alma he a sabedoria* (*idem*).

¹⁸⁹ Induzir em erros com embaimentos (enganos) (*idem*).

¹⁹⁰ Cobrir, defender cobrindo com o escudo (*idem*).

¹⁹¹ Dar esmolos (*idem*).

¹⁹² Aparece no Morais também escrito “resabio” ou “ressaibo”. É o “sabor”, p. ext. “vestígio”: em Epicuro não há ressaibo do Lyceo, nem da Academia (*Idem*).

¹⁹³ Não verdadeiramente “velhas”, como diz o editor das *Reflexões*, mas palavras que teriam “ficado apenas ‘fora de moda’ num período situável no final do séc. XVII (depois do Padre Antônio Vieira) e o terceiro quartel do séc. XVIII, uma vez que Freire, em 1768, as considera ainda como antiquadas (injustamente, em muitos casos), tendo, no entanto, sido reabilitadas no decurso dos vinte anos seguintes, uma vez que a obra de Morais, em 1789, as reintegra como palavras autorizadas”. (BANZA, 2012, 2488)

nosso século, a algumas que tem já muito anos, e também séculos de antiguidade. Por exemplo: estranha-se por novamente adotada a palavra *reproche*, e já Duarte Nunes de Leão faz dela memória contando-a por uma daquelas que fomos buscar nos franceses. Veja-se a este autor na sua *Origem da língua portuguesa*, p. 81. Tem igualmente por nova a palavra *polícia*, e é não menos que de João de Barros na *Década* 3^a p. 87, onde diz: *Nisto se mostra a grandeza, e polícia daquele Príncipe etc.* Que não dizem eles também contra a palavra *pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua *Orthographia* já traz *pedantesco*? Não podem ultimamente sofrer, que se use do italiano *afanar*, e *afano*, havendo em português *afligido*, *angustiado*, *afligir-se*, e *angustiar-se*, quando Vieira, insigne texto da língua, disse, como sabem os eruditos, *afanado*, e *afano*. Podemos fazer menção de outros vocábulos, a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como tais os reprovam (...).

Porém quando a nossa língua tem termos próprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão repreensível a novidade, porque se opõem àquela pureza de falar de que em todas as outras nações se faz especial apreço. Por que havemos de dizer *abandonar* se temos *desamparar*; *resurce* se temos *remédio*; *díscolo* se temos *malprocedido*; *afares* se temos *negócio* etc. etc. Porque diremos *intriga*, *intrigante*, e *intrigador* por *enredo*, *enredar* e *enredador*, ou por *máquina*, *maquinar*, e *maquinador*? Porque havemos de dizer *caráter* por *distintivo*; *conduta* por *procedimento*, *governo*, *prudência* etc? (*ibidem*, p. 62-63 e 64)

Discorrendo sobre pronúnciação em sua 12^a reflexão (parte II) tentando determinar uma “pronúnciação genuína de muitas vozes” recorre aos bons autores a quem devemos, prossegue, nos espelhar, a cujos exemplos nos desviamos, deixando-nos levar pelo uso, “árbitro tirano das línguas vivas”. Enumera alguns exemplos do que denomina barbarismos, apontando para as formas canônicas presentes nas primeiras edições (como ele nos confirma) de Camões, Vieira e alguns outros:

Abençoar achamos em diversos lugares de Vieira: “*Abençoaria* mil vezes o dia em que nasceu”¹⁹⁴, tom. 9.

Abominoso por *abominável* já se não diz, posto que se ache em Camões no cant. 10. Est. 47.¹⁹⁵

*Absolução*¹⁹⁶ e não *absolvição* diz Vieira no tom. 1. p. 317: “Pertence a

¹⁹⁴ Exemplo abonado depois (1789, 1^a edição) por Morais.

¹⁹⁵ O mesmo registro em Morais, o qual nos traz outro exemplo ainda nas *Décadas* (escrita em princípio dos anos seiscentos) de Diogo do Couto: “e são nisto (de se não tocarem na Índia os de diversas castas) tão *abominosos*, que já sucedeu chegarem muitos a extremo da vida, só por não tocarem no comer dos outros”. Houaiss data o primeiro registro em 1572, o que corresponde a 1^a edição dos *Lusíadas*.

¹⁹⁶ Morais nos dá como sinônimo de “absolvição”.

absolução ao prelado de toda diocese” etc.

Acomodamento de filhos e não *acomodação*, disse Vieira no tom. 2 p. 447. “Nem satisfação de criados, nem *acomodamento* de filhos, nem disposição da casa” etc.

Ajustamento tem melhores exemplos do que *ajuste*, o qual nem Bluteau chega a trazer.

Alfim por *enfim* é de Vieira em diversos lugares: “*Alfim* Deus se tem declarado por nós” etc. Cartas, tom. 1, p. 189. O Padre Bernardes nas suas obras segue em várias partes este grande clássico.

Aperrear e não *aporrear*, como traz erradamente Fr. Simão de Santa Catharina nas suas *Orações Acadêmicas*, p. 186. Este verbo parece a muitos que traz a sua analogia do nome castelhano *perro*.

Dependurar [com os mais nomes que dele nascem] e não *pendurar* se acha em Barros, Vieira e outros, aos quais ainda seguem alguns modernos.

Fôlego [respiração] e não *folgo*. É de todos os clássicos.

Frauta e não *flauta* disseram os nossos bons poetas, aos quais seguiu sempre Vieira. “Na tibia, que é uma trombeta *frautada*” etc. tom. 5. p. 190.

Pílula [palavra médica] com razão diz Bluteau, que não há palavra na nossa língua, que se pronuncie com mais variedade, por que uns dizem *pilora* outros *pirola*, outros *pildora*, e outro *pilola*. Nos nossos livros de medicina, escritos com mais correta propriedade, como são [segundo Bluteau] as *Observações de Curvo*, a *Correcção dos Abusos* etc. e outros, achamos *pílula*, e esta pronúncia temos por melhor, como mais conforme á latina *pílula*.

Prenhe mais seguro do que *prenhada*. *Prenhez* e não *prenhidão*, posto que seja de bons autores antigos. (FREIRE, *op. cit.*, parte II, p. 39-120)

7. O veio literário: enriquecendo a língua

Muitos escritores do século XVIII, ainda que sob o influxo da França e Itália, continuaram arraigados em termos lexicais à tradição clássica. Como exemplo Matias Aires [Ramos da Silva de Eça], que imprime, em suas *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, um sentido castiço, tradicional em seu vocabulário: *documento*¹⁹⁷ (regra, preceito), *descer*¹⁹⁸ (descender, derivar), *enormidade*¹⁹⁹ (baixeza, vileza) etc. Por outro

¹⁹⁷ ...e a vaidade em prescrever *documentos* à beleza. (AIRES, 1752, 1ª ed., p. 218)

¹⁹⁸ ...o bem muitas vezes *desce* de uma origem má. (*Ibidem*, p. 107)

¹⁹⁹ ...antes da mesma *enormidade* das ações se tira um novo lustre. (*Ibidem*, p. 392)

lado, percebe-se a presença de termos científicos e filosóficos que se integram ao léxico português com palavras de vários domínios das ciências e da filosofia: *átomo, demonstração, diâmetro, diástole, experiência, essência, indução* etc.

Neste mesmo período, a proposta arcáde era a de despertar o “bom gosto” clássico presente no equilíbrio e simplicidade da natureza. Seus poemas estão repletos de referência ao panteão romano (Apolo, Baco, Netuno etc.), que se misturam a um cenário bucólico constituído por *choupanas, bosques, grutas, montanhas, penhascos, vales, riachos, arvoredos, relvas, frutos, faias, murta, salgueiro* etc. Apascentando o gado, os pastores, tiram tranquilos sua sesta, e entoam cânticos de um amor singelo na fruta rústica. Evocando Virgílio, resgatam latinismos tais como *aurífero, cálamo, obliterar, probro, aspérrimo, horrído, purpúreo, mácula* etc. Em oposição ao lírico, contudo, o vocabulário satírico insere no verso termos e expressões mais populares, beirando até o chulo: *arrostar, assoar, escarrar, latrina, sobaco, pança, rabo, traseiro* etc.

Em contraposição, o espírito arcádico de Cláudio Manuel da Costa restituiria-nos termos mais clássicos, evidenciadores de seu apreço pela verve camoniana: *alento*, em vez de “ânimo”; *fausto*, em vez de “feliz”; *aleivosia*, em vez de “traição”; *ânsia*, em vez de “dor” etc. O espírito nacionalista setecentista, presentes no *Uruguai* e no *Caramuru*, viria ainda se sobrepor evocando o exótico da *terra brasilis* no emprego de termos tupi: *caboré, curumim, urucu, caju, murici* etc. A paisagem brasileira cada vez mais se impõe como cenário, como atestam os versos de Silva Avarenga, cujo nativismo sugere ao leitor árvores marcadamente nacionalista (coqueiros, laranjeiras, mangueiras) em substituição às europeias.

O português do Brasil já começava a deixar vestígios de sua marca diferenciadora, ainda que se mantivesse arraigado aos ditames da Coroa portuguesa. O gosto pelo pitoresco, contudo, deixa transpassar nas *Cartas Chilenas* de Tomás Antônio Gonzaga a presença de termos (ainda que de origem portuguesa) ampliados em seu âmbito semântico: *batuque* (dança), *espreguiçadeira* (cadeira de repouso), *gemer* (sofrer), *leso*²⁰⁰ (tolo), *massada*²⁰¹ (aborrecimento).

²⁰⁰ Compare o regionalismo “lesado”: “Júlio ficou meio lesado...” (Fran Martins, “O cruzeiro tem cinco estrelas”, in CABRAL, 1972, p. 494).

²⁰¹ Compare a gíria “maçante” (que causa tédio), datado por Houaiss como do séc. XX.

8. *Considerações finais*

É fato que a lexicografia setecentista supera em muito os trabalhos anteriores de Jerônimo Cardoso, Agostinho Barbosa e Bento Teixeira, sendo inegável sua contribuição para o posterior desenvolvimento da lexicografia portuguesa. O *Vocabulário* de Rafael Bluteau impõe-se como um marco de transição dado sua nova forma de enunciação, dado seu caráter enciclopédico, bem diferente da tradição lexicográfica bilíngue latim-português. Rafael Bluteau resgata os mais diversos níveis de linguagem, desde o vulgo até termos científicos. Lança as bases da discussão linguística em torno de temas como palavras antiquadas, uniformidade ortográfica, naturalização de estrangeirismos, temas presentes neste século ainda na obra de Francisco José Freire. Como o próprio Rafael Bluteau lembra em sua dedicatória a D. João V, o seu intento era o de escrever uma obra que fizesse justiça à grandeza da língua portuguesa.

E fez! Pois que serviu de suporte a uma outra obra, tida como a base da lexicografia monolíngue portuguesa, o dicionário de Antônio de Morais e Silva. Influenciado pelas ideias reformistas, inovou a nomenclatura lexicográfica. Concebeu uma ideia mais objetiva de lexicografia, suprimindo os longos comentários enciclopédicos de Rafael Bluteau, definindo verbetes mais breves e monolíngues, o que o transformou numa referência, durante décadas, ao estudo da evolução do léxico português.

Em meio a outros, como Matias Aires [Ramos da Silva de Eça] e os árcades, ressalta o trabalho de Santa Rosa de Viterbo, um precioso resgate de palavras antigas, de citações cujas fontes são algumas hoje perdidas. Obra de grande fôlego ainda hoje indispensável à compreensão do português arcaico, o qual deve ser preservado tais quais os antigos monumentos, do qual muitos termos estão ainda em uso no português hodierno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *FABRICA de Louça do Rato* [Liv. 37º de Registro, fl. 75 a 86, 1813-1814 (documento anônimo da Torre do Tombo). *O Archeologo Português*, Lisboa, vol. IV, p. 168, jul.-dez, 1898.

AIRES [Ramos da Silva de Eça], Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos Moraes sobre os efeitos da vaidade*. 1. ed. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1752.

BANZA, Ana Paula. As "Reflexões" (1768) de Francisco José Freire e o "Vocabulário" (1712-1728) de Bluteau. In: MANCERA, Ana M. Cestero et al. (Eds.). *La lengua, lugar de encuentro*. Actas del XVI Congreso Internacional de la Alfal (Alcalá de Henares, 6-9 de junio de 2011) – Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, p. 2485-2494, 2012.

BLUTEAU, Rafael. Oratorio requerimento de palavras portuguezas, agravadas, desconfiadas e pertendentes. In: *Prosas portuguesas*, parte I, Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1728.

_____. *Vocabulário portuguez e latino*. Tomo I (A). Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712a. [Tomo II (B-C), 1712b; Tomo III (D-E), 1713a; Tomo IV (F-J), 1713b; Tomo V (K-N), 1716; Tomo VI (O-P), 1720a; Tomo VIII (T-Z), 1721.

_____. *Suplemento ao vocabulário portuguez e latino* (parte II). Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Lisboa: Edição da "Revista de Portugal", 1946.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: Bertrand, 1978.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária (UFC), 1972.

FIÚZA, Mário. Advertência preliminar desta edição. In VITERBO, *Elucidário das palavras...* T. I. Lisboa: Livraria Civilização, 1993, p. 7-10.

_____. Subsídios para a história do Elucidário. In VITERBO, *Elucidário das palavras...* T. I. Lisboa: Livraria Civilização, 1993, p. 53-70.

FREIRE, Francisco José (Cândido Lusitano). *Reflexões sobre a lingua portuguesa*. Partes I e II. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.

GONÇALVES, Maria Filomena. Notas sobre as "Prozas portuguezas" de Rafael Bluteau e a historiografia linguística do século XVIII. *Filologia e linguística portuguesa*, nº 5, p. 7-25, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MAGNE, Augusto. *A demanda do Santo Graal (Glossário)*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da língua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau*. Reformado e acrescentado. 1. ed. Tomos I e II. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

_____. *Diccionario de língua portugueza*. 2. ed. Tomos I e II. Fac-símile da 2ª edição (1813). Photographada pela “*Revista de Língua Portuguesa*” sob a direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Oficinas da S. A. Litho-Typographia Fluminense, 1922.

VASCONCELOS, José Leite de. Observações ao "Elucidário" do P.^e Santa Rosa de Viterbo. *Revista Lusitana*, Lisboa, Clássica Editora, XXVI, p. 111-148, 1927.

VERNEY, Luiz António. *Verdadeiro método de estudar para ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*. Exposto em várias cartas, escritas polo R. P.*** Barbadinho, da Congregasam de Italia, ao R. P.*** Doutor da Universidade de Coimbra. Tomo I. Valensa: Oficina de Antonio Balle, 1746.

VIEIRA, P. António. *Sermoens* (parte I). Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1679.